

PRÓLOGO

UM TAL PROGRESSO TECNOLÓGICO E UM CERTO NILISMO NARCISISTA

As novas disposições tecnológicas são introduzidas nas vidas, antecipadas nos meios de comunicação, de forma que é visualizado um futuro materializado cada vez mais como um presente. Hoje já fazem parte da atualidade as notícias sobre granjas de vegetais, o novo setor primário que se desenvolve com a mais moderna tecnologia de robôs e inteligência artificial, e que garantem um abastecimento local e ‘verde’. Abundam as propostas de uso de inteligência artificial para proferir veredictos no poder judicial, bem como para o ensino. O departamento de recursos humanos, ou inclusive os cargos diretivos, podem tornar-se inteligência artificial, puro algoritmo: parte dos trabalhadores já segue diretrizes de organização do trabalho (como o tempo ou os objetivos) da máquina. Da mesma forma, a substituição da mão de obra não qualificada por robôs faz parte da agenda, assim como uma previsível bolsa de desemprego. Essa tendência levou países como a Finlândia a testar uma renda universal básica que aparentemente não funcionou. Pode parecer um cenário que aponta para um humanismo em crise, mas a relação entre técnica e humanismo não é tão evidentemente dialética como pode parecer à primeira vista.

É sabido que o conhecimento técnico e ético nasce antes que o conhecimento teórico, a *téchne* antes que a *episteme*, a própria abstração das práticas instrumentais já implica uma espécie de teoria. O saber cultural foi, na sua infância, a capacidade de distinguir os alimentos: o idoso, o sábio, experimenta e diz, é *sapiens*, indica Ortega. Como Lispector apontou, saber como encontrar a maçã no escuro era todo o seu saber. Agora, talvez os Sete Sábios da Grécia, que não são sete até que Platão assim o determina,

ainda não alcançam os princípios das coisas, que é como Aristóteles define a *episteme*, e ainda mantêm residualmente um saber prático ou técnico, mas já com a observação ou determinação das leis do macro e do microcosmo: serão os filósofos que inauguram o saber teórico. Ambos, é claro, tinham um modo de vida, um status social, que lhes permitia a contemplação, a *theoria*. De facto, Tales ou Anaximandro estavam relacionados à nobreza sacerdotal dos Kadm, sacerdotes-reis da linhagem dos Thelidai de Tebas, de origem fenícia.

Se naquele mundo antigo a contemplação era acessível apenas para os *aristoi*, para as classes privilegiadas que não precisavam trabalhar e que estendiam uma profunda rejeição à existência ligada à mera sobrevivência e ao mecanicismo, na Modernidade exalta-se o valor do trabalho que, dizem, dignifica as vidas. Embora o trabalho de uns sempre tenha dignificado a vida de outros, a ênfase está na produtividade: o ser produtivo é aquele que merece a vida. Da mesma forma, o conhecimento produtivo é o conhecimento que merece ser desenvolvido, mas precisa do rigor abstrato, puro da *episteme*, ou a *episteme* deve ser olhar, não para as alturas, mas para baixo, para a infraestrutura: deve desenvolver um *logos* da *téchne*. A tecnologia significa tornar produtivo o conhecimento puro. Mas a tecnociência já significará declarar que o objetivo do conhecimento não ultrapassa essa dimensão técnico-económica, e as próprias entidades produtivas, as corporações, serão as que produzirão o conhecimento adequado.

Assim, o que se denominou razão instrumental começa o seu caminho: não se trata de desvendar mistérios ocultos na natureza para utilizá-la a nosso favor, trata-se de escrutinar os seus princípios para poder modificá-los segundo os interesses. A técnica passa a ser entendida como um fim em si mesma, como destacou Adorno. Já não é um meio para garantir certas condições materiais, uma vida boa; no plano da infraestrutura, a tecnologia torna-se o motor do sistema económico capitalista, e no plano ideológico é reincorporada a teleologia do progresso, que funciona como petição de princípio, como funcionou o movimento da criação inaugurado por deus nas escatologias religiosas.

Por outro lado, observa-se a dicotomia entre a autorrealização que o ser humano pode alcançar com a atividade *poiética* e a alienação que apenas obtém com o investimento de energia na produção de produtos alheios e, principalmente, em condições que lhe garantam a mera extração da capacidade criadora do obreiro e a sua conversão em rendibilidade alheia, aspeto distinguido e apontado na leitura que Arendt faz de Marx como a diferença que existe entre um *homo faber* e um *homo laborans*. Os matizes multiplicam-se quando o *homo aeconomicus* começa a ser definido no século XVIII e o conceito é revisitado com um paradigma imbuído do imperativo do gozo: a questão da produtividade está ligada à realização pessoal, embora seja um objetivo extrínseco da criação, e a finalidade dessa atividade produtiva é simplesmente sobrevivência ou um maior grau de bem-estar material. Pode-se sentir, é claro, uma certa satisfação efémera em cumprir objetivos, que materializam a transcendência fragmentada do desejo.

A relação entre a inovação tecnológica e o sistema produtivo ou económico é íntima, permitindo que novas bolhas de capital sejam geradas e, assim, evidenciando a relação entre conhecimento e poder. O capitalismo permite o desenvolvimento de um conhecimento dirigido e é capaz de captar para o seu benefício o que se desenvolve inclusive contra ele, proporcionando, também, uma aparência de sistema aberto, capaz de tolerar campos de saber críticos. No entanto, qualquer razão autónoma ou contemplativa estará condenada aos sistemas de seleção por rendibilidade. O conhecimento hegemónico e instrumental não só sustenta um sujeito prometeico que reorganiza o mundo à sua medida, mas na procura dessa perfeição à sua medida e de acordo com os seus interesses, protegido por uma espécie de narrativa escatológica hegeliana, o próprio ser humano é o escolhido para se tornar o novo deus.

Trata-se do mundo nietzscheano dos últimos humanos, que substituem alguns deuses por outros, até se posicionarem como tais, alcançando um pós-humanismo mecânico, um transuma-

nismo, almejado desde a origem do humanismo niilista, porque ódio, insatisfação e ressentimento para com o humano exalta as máquinas como um ideal de perfeição sem renunciar a uma estrutura ontológica vertical na qual esse humano, capaz de se aperfeiçoar como uma versão nazi do ultra-humano, coroa a cimeira do mundo que domina. A posição de Fausto triunfa e o humano, a partir do complexo ou da insatisfação a respeito da sua própria condição, pretende superá-la, tornar-se *homo deus*, como diria Harari.

Não é a forma mais direta de aceder à possibilidade de um novo paradigma pós-humano maquínico, como diria Deleuze, ou de ontologia horizontal, como Braidotti recuperaria de Spinoza. Existem autómatos e autómatos...